

# Racismo, sujeito negro e psicologia – do espaço de fala à construção de conhecimento

LIZIANE GUEDES DA SILVA<sup>1</sup>, HENRIQUE CAETANO NARDI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Autora: Graduanda em Psicologia e Bolsista BIC UFRGS no Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX) do Departamento de Psicologia Social e Institucional – Instituto de Psicologia – UFRGS

<sup>2</sup>Orientador: Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e Diretor do Instituto de Psicologia – UFRGS



**Nupsex**  
NÚCLEO DE PESQUISA EM SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

**INTRODUÇÃO:** Este trabalho integra a pesquisa “Racismo, relações de saber-poder e sofrimento psíquico” que tem o apoio do CNPq no período de 2015-2016.

**OBJETIVO:** Esse trabalho visa, a partir de uma revisão bibliográfica, a apresentar a dinâmica das relações raciais, destacando-se os conceitos de branquitude e epistemicídio para discutir a relação do dispositivo da racialidade com a psicologia, seja no espaço de escuta ou no espaço de formação de futur@s profissionais.

RELAÇÕES  
RACIAIS

PSICOLOGIA

SILENCIAMENTO

**DISCUSSÃO:** O sujeito negro ao relatar uma violência racial a uma pessoa branca comumente ouve que trata-se de um exagero ou “coisa da sua cabeça”. Silenciar uma denúncia que surge após um sofrimento intenso como o menosprezo pelo fenótipo/cor da pele é uma dupla violência. Aos sujeitos que tem o privilégio da BRANQUITUDE (BENTO, 2002), ou seja, privilégios simbólicos e materiais dados à população branca numa sociedade racista, é permitido permanecer em silêncio em relação ao RACISMO pois consideram-se fora dessa discussão. A questão racial é vista como um problema da população negra e não de toda a sociedade brasileira. Bento nos alerta que “o silêncio, não é neutro, transparente. Ele é tão significativo quanto as palavras” (2015, p.1). Souza (1983) e Collins (2001) salientam a importância do/a negro/a que discursa sobre si mesmo/a na busca da superação da produção de conhecimento branco, elitista, eurocêntrica e epistêmica que impõe ao negro/a o lugar de objeto deturpado de estudo, uma potente estratégia de manutenção da dominação e suposta superioridade de um povo sobre outro. Retirar do povo negro toda glória pelos conhecimentos produzidos é uma forma de invisibilizar suas contribuições, podendo enfraquecer os sujeitos negros para as lutas individuais e coletivas, “uma vez que ele (o racismo) causa profundas lesões na autoestima, na autoconfiança e nos papéis sociais desses sujeitos” (HONNETH, 2003 apud TAVARES; OLIVEIRA; LAGES, 2013, p. 581).

EPISTEMICÍDIO

BRANQUITUDE

PRIVILÉGIO

NORMA

**METODOLOGIA:** As bases de dados consultadas foram Scielo, BVS, Lilacs e Lume. Os descritores utilizados foram: psicologia, racismo, epistemicídio, branquitude e relações étnico-raciais. Foram encontrados nessas bases, após uma filtragem, 28 artigos que vieram a contribuir para essa discussão.

## “Meu psicólogo disse que racismo não existe”

junho 25, 2015 20:04



Curtir 20 mil Compartilhar 13 Tweetar 144

Depoimentos de pacientes revelam que muitos psicólogos não sabem lidar com questões raciais no consultório. A maior carência é uma formação que aborde o problema do racismo no Brasil

FONTE: ARRAES, J. Meu psicólogo disse que racismo não existe. Revista Fórum. Jun 2015. <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/06/meu-psicologo-disse-que-racismo-nao-existe/>. Data de acesso: 23/09/15.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O desafio para que a psicologia possa incorporar a discussão sobre os efeitos do racismo na saúde mental e ser uma ferramenta para quebrar o ciclo de reprodução da discriminação está em fazer valer a obrigatoriedade dos estudos a cerca das relações raciais nas universidades com os/as futuros/as profissionais, principalmente das ciências humanas, visando desconstruir o mito da democracia racial no Brasil, que se perpetua, gerando sofrimento e mantendo as hierarquias. (SULEIMAN, 2014) Centralizar o debate na branquitude e na importância do protagonismo negro na construção de conhecimento sobre relações raciais no Brasil é a estratégia necessária para avançarmos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária que respeite e valorize as diferenças. (OLIVEIRA, 2007)

### REFERÊNCIAS

- BENTO, M. A. S. Branquitude e poder: a questão das cotas para negros.. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. Proceedings online. Available from: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000082005000100005&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100005&lng=en&nrm=abn)>. Access on: 22 Sep. 2015.
- CARONE, I. & BENTO, M. A. S. (orgs.). A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COLLINS, P.H. The social construction of black feminist thought. In: BHAVNANI, K.K. Feminism and race. Oxford University Press, 2001.
- HONNETH, A. Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.
- SULEIMAN, B.B. Relações Étnico-Raciais e Formação de Professores. Relato de Prática Profissional. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo. v.18,n.2, p. 369 – 372, mai/ago 2014.
- OLIVEIRA, L.O.A. Expressões de vivências da dimensão racial de pessoas brancas: representações de branquitude entre indivíduos brancos. 2007. 137f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- SILVA, D.A. De epistemicídio, (in)visibilidade e narrativa: reflexões sobre a política de Representação da identidade negra em Cadernos Negros. Ilha do Desterra, Florianópolis, n. 67, p. 51-62, jul/dez 2014.
- SILVEIRA, R.S.; NARDI, H. C. Interseccionalidade e violência de gênero contra as mulheres: a questão étnico-racial. In: MARTINS, Hildeberto Vieira et al. (Orgs.). Interseções em Psicologia Social: raça/etnia, gênero, sexualidades. Coleção Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos, v. 7. Florianópolis: Abraspo, Edições do Bosque, 2015.
- SOUZA, N.S. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- TAVARES, N. O.; OLIVEIRA, L. V.; LAGES, S. R. C. A percepção dos psicólogos sobre o racismo institucional na saúde pública. Saúde em Debate. Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 580-587, out/dez 2013.